

ASPECTOS ETNOBOTÂNICOS DE QUINTAIS TRADICIONAIS DOS MORADORES DE ROSÁRIO OESTE, MATO GROSSO, BRASIL**Germano Guarim Neto y Cleomara Nunes do Amaral***Depto. de Botânica e Ecologia. Instituto de Biociências. Universidade Federal de Mato Grosso. 78 060-900 – Cuiabá - MT Brasil. Correio eletrônico: guarim@ufmt.br***RESUMO**

O município de Rosário Oeste é ainda um dos mais tradicionais do Estado de Mato Grosso, Brasil. Sua população, mesmo no ambiente urbano, conserva até hoje o modo de ser do mato-grossense nativo, com seu linguajar pausado, bastante peculiar, com a simplicidade do bem-receber e com uma forte relação com os recursos vegetais, os quais procuram reproduzir em seus quintais. Estes espaços situam-se indistintamente na frente, nos lados e na parte traseira de onde a moradia está implantada. Este estudo tem como objetivo ampliar o conhecimento sobre os recursos vegetais dos tradicionais quintais mato-grossenses, buscando além de suas características, informações etnobotânicas para se detectar as formas de uso e manejo desses recursos, mantidos e repassados através de gerações, em Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. O trabalho seguiu basicamente as orientações do estudo de caso. Os dados foram coletados por meio de visitas domiciliares exploratórias, priorizando amostras intencionais. Foram encontradas 266 espécies de plantas distribuídas em 85 famílias botânicas. As plantas registradas apresentaram uma multiplicidade de uso, destacando o medicinal (103), alimentar (97) e ornamental (79). Assim, o verde urbano da cidade de Rosário Oeste recebe a grande contribuição das plantas cultivadas

nos quintais, as quais são compostas por espécies introduzidas (*Justicia pectoralis*, *Eucharis grandiflora* e *Hippeastrum puniceum*) e espécies nativas do bioma cerrado (*Mauritia flexuosa*, *Acrocomia aculeata* e *Vernonia ferruginea*), compondo a vegetação da cidade, representando um forte indicador dos recursos vegetais que estão presentes no cotidiano de seus moradores, testemunhas de um saber acumulado ao longo do tempo.

Palavras-chave: Etnobotânica, quintais, cerrado, Mato Grosso.

RESUMEN

El municipio de Rosário Oeste es todavía uno de los más tradicionales del Estado de Mato Grosso, Brasil. Su población, inclusive en el ambiente urbano, conserva hasta hoy el modo de ser del mato-grossense nativo, su conversa pausada, bastante peculiar, con la simplicidad de recibir bien y con una fuerte relación con los recursos vegetales, los cuales buscan reproducir en sus jardines. Estos espacios se sitúan indistintamente en la frente, a los lados o en la parte trasera donde la vivienda está implantada. Este estudio tiene como objetivo ampliar el conocimiento sobre los recursos vegetales de los tradicionales jardines mato-grossenses, buscando más que sus características,

informaciones etnobotánicas para detectar las formas de uso y manejo de estos recursos, mantenidos y repasados a través de generaciones, en Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. El trabajo siguió básicamente las orientaciones de estudio de caso. Los datos fueron colectados por medio de visitas domiciliarias exploratorias, priorizando muestras intencionales. Fueron encontradas 266 especies de plantas distribuidas en 85 familias botánicas. Las plantas registradas presentaron una multiplicidad de uso, destacando el uso medicinal (103), alimentar (97) y ornamental (79). Así, el verde urbano de la ciudad de Rosário Oeste recibe una gran contribución de las plantas cultivadas en los jardines, encontrando allí especies introducidas (*Justicia pectoralis*, *Eucharis grandiflora* y *Hippeastrum puniceum*) y las especies oriundas de la Sabana (*Mauritia flexuosa*, *Acrocomia aculeata* y *Vernonia ferruginea*), las cuales forman la vegetación de la ciudad y representa un fuerte indicador de los recursos vegetales que están presentes en el cotidiano de los rosarienses, como testigos de un saber acumulado con el pasar del tiempo.

Palabras clave: etnobotánica, jardines, Sabana, Mato Grosso.

INTRODUÇÃO

Tratar dos espaços denominados de quintais requer um entendimento inicial de que estes espaços têm delimitações diferenciadas no contexto da comunidade humana que se está observando.

No Brasil, o termo quintal normalmente é usado para se referir ao espaço do terreno situado ao redor da casa, definido na maioria das vezes como a porção de terra próxi-

ma à residência, de fácil acesso, na qual se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fornecem parte das necessidades nutricionais da família, assim como outros produtos como lenha e plantas medicinais (Brito & Coelho, 2000).

É importante salientar, que cada quintal apresenta particularidades, características que lhe são únicas, definidas por condições socioculturais, religiões, crenças e costumes que influenciam na composição e diversidade de espécies presentes nestes espaços (Kumar & Nair, 2004).

Nos municípios do interior de Mato Grosso, os quintais ainda têm a função de espaço destinado à criação de pequenos animais, como galinhas e porcos, locais estes onde as representações das necessidades humanas aparecem com perfeição e mais que isso, aparece formas de conservação da biodiversidade e dos elementos que permeiam a cultura de seu povo.

Em muitos casos, especialmente em comunidades ribeirinhas, os quintais são espaços de uso comum e de conservação de recursos, temas estes tratados por Diegues & Moreira (2001), analisando, juntamente com outros colaboradores, aspectos de relevância no contexto do entendimento desta importante temática.

Uma contribuição sobre o etnoconhecimento em terras mato-grossenses, englobando aspectos dos quintais é dada por Guarim Neto & Carniello (2007), quando discutem pressupostos biológicos, culturais e de representações sobre os recursos vegetais e a cultura de populações humanas diversificadas, habitando áreas do cerrado, pantanal e floresta.

Assim, os quintais assumem uma importância fundamental na malha viária urbana, na vegetação citadina, definindo espaços repletos de um saber local (Geertz, 2000), espaços de conservação e manutenção dos aspectos mais peculiares que a população traduz em seu cotidiano, mostrando uma adaptabilidade humana (Morán, 1994) que se manifesta muitas vezes através de um conhecimento que é recebido dos ancestrais e perpetuado ao longo do tempo, espaço e lugar.

Em se tratando de aspectos referentes ao ambiente de Rosário Oeste e a potencialidade da sua flora, vale salientar as contribuições de Silva (2002), quando mostra o universo do etnoconhecimento das comunidades de Figueira e Pai Caetano e Morais (2003), discutindo nos pressupostos da etnobotânica, as plantas medicinais da comunidade de Angical.

Desta forma este estudo tem como objetivo apresentar o universo das plantas que constituem, a princípio, o verde dos quintais da cidade de Rosário Oeste, em uma demonstração do etnoconhecimento que emana do seu povo e representado pelas plantas com as quais se relaciona.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo - Segundo Ferreira (2001), o município de Rosário Oeste originou-se com o início do movimento garimpeiro servindo de passagem entre Diamantino e Cuiabá, tendo iniciado provavelmente em 1747, com a formação de um sítio à margem do ribeirão Monjolo e conseqüente fundação de uma capela, dedicada a Nossa Senhora do Rosário.

IBGE (2000) aponta para o município, uma população de 18.450 habitantes, tendo como distritos, Arruda, Bauxi, Marzagão e a própria sede. Rosário Oeste situa-se a uma altitude de 174 m, tendo como coordenadas geográficas 14° 49' 41" latitude sul, 56° 24' 51" longitude oeste Gr., com uma extensão territorial de 8.694,19 km². O relevo de Rosário Oeste apresenta elevações acentuadas e encontra-se na Zona Fisiográfica da Chapada dos Guimarães, depressão do rio Paraguai, calha do rio Cuiabá. O solo é podzólico vermelho amarelo, apresentando boa fertilidade natural em algumas localidades como o Distrito de Bauxi e Distrito de Marzagão.

O município de Rosário Oeste teve sua origem como início do movimento garimpeiro do século XVIII. Por volta de 1747, o local servia de passagem entre Diamantino e Cuiabá. Em 1751, Inácio Maciel de Tourinho e sua mulher fundaram um sítio à margem direita do ribeirão Monjolo, passando o local a ser conhecido pelo nome do ribeirão. A agricultura e a pecuária foram rendendo e a povoação foi se firmando no sítio. Com a abertura do garimpo em Diamantino, o povoado de Nossa Senhora do Rosário foi se desenvolvendo como ponto de pouso. Atualmente, as principais atividades econômicas da região são a pecuária, a agricultura, principalmente de arroz e milho, e o comércio, além do potencial para o ecoturismo (Ferreira, 2001).

O clima é tropical quente e sub-úmido, com um período de seca de cinco meses. A precipitação anual é de 2 000 mm, com intensidade em janeiro, fevereiro e março. A temperatura média anual é de 24°C. As principais atividades econômicas são a pecuária e a agricultura.

De acordo com Ferreira (2001) a vegetação dominante da região é o cerrado, com seus gradientes de paisagens que configuram os espaços onde as plantas características destes ambientes ocorrem, predominando as formações de campo limpo (predominância de herbáceas), matas virgens e cerrado stricto sensu. O cerrado é a segunda maior formação vegetal do Brasil, sendo um dos biomas que mais sofre problemas de alteração de cobertura vegetal original. Apresenta uma riqueza ímpar, com um maior número de espécies do que se imaginava e vários casos de endemismo vegetal. A principal característica do Cerrado é a presença de estações de seca e chuvas bem definidas. Existem várias propostas de classificação dos tipos vegetacionais do cerrado, mas a maioria leva em consideração principalmente o hábito das plantas - herbáceo, arbustivo ou arbóreo (Guarim Neto, 2002).

Método - O trabalho de campo foi realizado em vários momentos, sendo o primeiro no mês de fevereiro do ano de 2001, o segundo em março do ano de 2002 e o terceiro de setembro a dezembro do ano de 2006. Os quintais pertencentes à amostra localizam-se na sede do município de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. A coleta dos dados etnobotânicos foi realizada em dois bairros da cidade: o Bairro Nossa Senhora Aparecida e o Bairro Monjolo.

O método de coleta seguiu pressupostos da etnobotânica (Martin, 1995; Alexiades, 1996), sendo que os quintais foram observados através de caminhadas e os dados obtidos por meio de entrevistas com moradores em suas respectivas residências. A técnica utilizada para inclusão de novos participantes foi a bola de neve (Becker,

1993), onde um morador amplamente conhecido pela comunidade é o contato inicial, e apresenta o pesquisador a outros informantes locais que se disponibilizam a realizar a entrevista, e assim um entrevistado indica o outro sucessivamente. O contato com os moradores foi importante para se ter a relação das plantas e mostrar o etnoconhecimento dos mesmos em relação às plantas mantidas nos quintais.

Foram priorizadas as amostras intencionais, os informantes categorizados (Thiollent, 1996) que gradativamente foram se incorporando à pesquisa (Noda, 2000) como fontes de informação. Foram entrevistadas preferencialmente as pessoas mais idosas de cada domicílio, raizeiros, benzedeiros, e outras pessoas apontadas por membros da comunidade como possuidoras de um saber sobre o assunto e aquelas que se dispuseram a participar da pesquisa.

As entrevistas continham uma série de perguntas abertas (Albuquerque, 2002; Amorozo, 1996) buscando informações dos moradores e dados sobre as espécies vegetais de seus quintais como utilização, parte utilizada, modo de preparação, indicação terapêutica, e outras observações pertinentes realizadas no local.

O material botânico fértil foi coletado, algumas plantas foram identificadas no local, e os demais exemplares identificados no Laboratório de Botânica da Universidade Federal de Mato Grosso e depositados no Herbário Central da Universidade Federal de Mato Grosso. As espécies foram identificadas em categorias taxonômicas de família, gênero e espécie, com auxílio de especialistas, segundo o sistema de classificação de Cronquist (1988), adotando Pol-

hill & Raven (1981) considerando a família Leguminosae com três sub-famílias. Os nomes vulgares das plantas (etnoespécies) mencionados pelos entrevistados, aspectos ecológicos e de uso foram também considerados para cada planta registrada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista foi composta basicamente por moradores autóctones da região, nascidos na cidade ou na maioria dos casos na zona rural do município. Foram entrevistados 62 moradores, sendo 31 de cada bairro. Entre todos os informantes, apenas dois vieram de outros estados, e a idade média dos moradores foi de 50 anos.

Nos quintais urbanos de Rosário Oeste foram encontradas 266 espécies vegetais, distribuídas em 85 famílias botânicas, não houve diferença no número de plantas e entre as espécies encontradas nos dois bairros estudados. As famílias botânicas mais representativas foram Asteraceae (18 espécies), Euphorbiaceae (14 espécies), Lamiaceae (14 espécies) e Araceae (12 espécies - tabela 1). Estas famílias, especialmente Asteraceae e Lamiaceae, são freqüentemente encontradas como as mais representativas em outros estudos etnobotânicos como o de Morais (2003); Pasa (2004); Santos (2004) e Xavier (2005), destacando nestas famílias as espécies com finalidade medicinal.

Nos quintais de Rosário Oeste percebe-se uma diversificação em relação às formas de uso das espécies catalogadas, destacando-se aquelas com finalidades medicinais (35%), alimentares (33%) e ornamentais (27%) (fig. 1).

Os estudos em quintais, sejam eles urbanos ou rurais, demonstram que o uso popular das plantas para fins medicinais é grande, quase sempre, em números comparáveis às plantas utilizadas para a finalidade alimentar. Além disso, as plantas ornamentais, especialmente em se tratando de quintais urbanos, também representam grande parcela das espécies encontradas, de acordo com trabalhos como os de Duarte (2001) e Santos (2004).

As plantas que constituem o verde da paisagem urbana estão compostas de formas de vida que variam desde as pequenas ervas (48%) até frondosas árvores (23%) (fig. 2). A presença de herbáceas é mais frequente, uma vez que o espaço reservado ao cultivo é pequeno e a maioria destas plantas é destinada ao uso alimentar e medicinal. Nair (1993) afirma que há uma similaridade notável com respeito à composição de espécies entre diferentes quintais agroflorestais distribuídos na região tropical, especialmente os componentes herbáceos. Essa similaridade se deve ao fato de a produção de alimentos ser a função predominante da maioria das espécies herbáceas. Por outro lado, a presença de um subdossel requer que as espécies sejam tolerantes à sombra, sendo selecionado, assim, um grupo restrito de espécies que apresenta características ecológicas de adaptação a esses ambientes.

É interessante salientar a presença de mangueiras (*Mangifera indica*), coco-da-Bahia (*Cocos nucifera*) e bananeiras (*Musa paradisiaca*). Certamente estas são as espécies que mais contribuem na composição dos quintais observados, conferindo a eles a perfeita condição daquilo que tradicionalmente são os quintais sombreados mato-



Fig. 1. Etnocategorias de uso dos recursos vegetais encontradas nos quintais de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil.



Fig. 2. Hábito das plantas encontradas nos bairros Nossa Sra. Aparecida e Monjolo, Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil.

grossenses, verdadeiros espaços de cultivo e conservação dos recursos vegetais, possibilitando uma maior variedade genética destas espécies, constituindo importantes bancos de germoplasmas.

Os quintais de Rosário Oeste demonstram que nessa localidade o verde urbano ainda é mantido pelos arbustos e árvores que fazem parte da paisagem rosariense, em uma demonstração perfeita da relação que estabelece entre seres humanos e recursos naturais, neste caso, os recursos vegetais, os quais têm de alguma forma uma forte representação para os moradores locais, especialmente para os mais idosos. De acordo com Santos (2004) existe uma prevalência de plantas exóticas nos quintais de áreas urbanas, nos quintais de Rosário Oeste ocorreram com maior frequência as espécies exóticas, foram 190 espécies, tradicionalmente cultivadas por suas diferentes finalidades, especialmente a alimentar e medicinal. Porém, ainda percebe-se nestes

espaços algumas espécies representantes da flora local como o buriti (*Mauritia flexuosa*), o jenipapo (*Genipa americana* L), o Chico-magro (*Guazuma ulmifolia* Lam.), carajé (*Dorstenia brasiliensis* Lam.), negramina (*Siparuna guianensis* Aublet), e assa-peixe (*Vernonia ferruginea* Less), totalizando 76 espécies nativas (fig. 3). Foram consideradas nativas apenas as espécies que ocorrem originalmente na região (Guarim Neto *et al.*, 2007).

Nestes espaços são mantidas as plantas que lhes são caras, englobando espécies com diferentes categorias de uso, cuja manutenção é influenciada pelo conhecimento da vegetação nativa e das exóticas cultivadas.

Considerando a relação ser humano-planta, pode-se salientar que a tradicionalidade dos quintais rosarienses é percebida especialmente porque nestes locais são mantidas algumas formas de organização, comuns

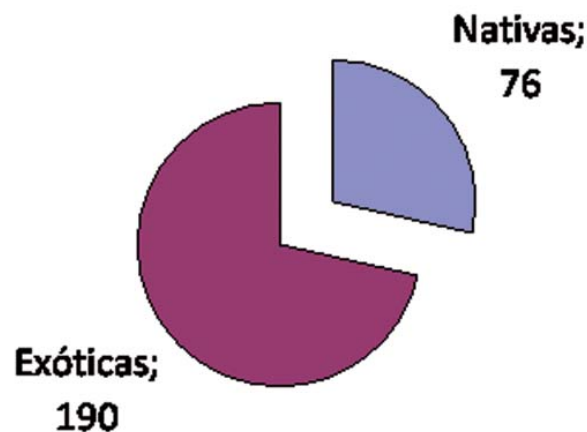


Fig. 3. Origem das plantas relacionadas no estudo.

aos quintais do interior do estado de Mato Grosso, como por exemplo a utilização do quintal como espaço de criação de pequenos animais, de manutenção de cultivos diversificados, local de festas religiosas (festas de santos), benzeção, rezas e lazer, entre outras.

Para este fato, contribuem as plantas ali estabelecidas, com suas sombras sempre prazerosas, que abrigam o cotidiano das pessoas que vivem na localidade estudada.

CONCLUSÃO

O universo do conhecimento botânico tradicional entre os moradores da localidade pesquisada mostra um acentuado etnoconhecimento dos recursos vegetais, tanto os nativos da região como os exóticos introduzidos.

Nos quintais estudados pode-se constatar que a prática de reproduzir os elementos da paisagem ainda é bastante forte, e isto demonstra a necessidade de conservação desses espaços, uma vez que reproduzem uma cultura imaterial de pessoas que tradicionalmente ali se instalaram ao longo do tempo.

Por outro lado, alia-se também a importante função dos quintais, enquanto mantenedores do verde urbano, oferecido por meio das plantas que as pessoas cultivam principalmente as espécies herbáceas, arbustos e árvores.

Dessa forma, a manutenção dos quintais, quer seja na localidade estudada, ou mesmo em outras cidades de pequeno, médio e grande porte requer um entendimento de

que a dimensão que se vislumbra é de uma interconectividade entre ser humano e meio ambiente, mais especificamente entre seres humanos e plantas.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq pelo apoio financeiro destinado ao “Grupo de Pesquisas da Flora, Vegetação e Etnobotânica – FLOVET”, para a realização do Projeto; à Capes, pela bolsa de mestrado concedida a segunda autora; à Universidade Federal de Mato Grosso pelo apoio e subsídio na pesquisa; aos moradores da cidade de Rosário Oeste que gentilmente contribuíram com esta pesquisa. À Profa. Dra. Carmen Eugenia Rodríguez Ortíz, pelo resumen.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alexíades, M., 1996. *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*. New York. The New York Botanical Garden.
- Becker, H.S., 1993. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Ed. HUCTEC.
- Brito, M.A. & Coelho, M. de F.B., 2000. “Os Quintais Agroflorestais em Regiões Tropicais – Unidades Auto-Sustentáveis”. *Agricultura Tropical*, 4(1): 7-35.
- Cronquist, A., 1988. *The Evolution and Classification of Flowering Plants second edition*. The New York Botanical Garden, New York. 555 pp.
- Diegues, A.C. & Moreira, A.C.C., 2001. *Espaços e recursos naturais de uso*

- comum. São Paulo. HUCITEC/NU-PAUB.
- Duarte, T.G., 2001. *Um estudo etnoecológico sobre o uso de recursos vegetais em Nova Xavantina*, Mato Grosso. 134f. 2001 Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade) – Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: Mato Grosso.
- Ferreira, J.C.V., 2001. *Mato Grosso e seus municípios*. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação/Ed. Buriti.
- Geertz, C.O., 2000. *Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes.
- Guarim Neto, G., 2002. “O bioma cerrado uma riqueza a preservar”. In: José Mauricio. *Flores do Cerrado*. Cuiabá-MT.
- Guarim Neto, G. & Carniello, M.A., 2007 “Etnoconhecimento e saber local: um olhar sobre populações humanas e os recursos vegetais”. In: Albuquerque U.P.; Alves, A.G.C.; Araújo, T.A.S. (Orgs.). *Povos e Paisagens: Etnobiologia, Etnoecologia e Biodiversidade no Brasil*. NUPPEA: Recife-PE. 2007.
- Guarim Neto, G.; Guarim, V.L.M.S.; Moreira, D.L.; Amaral, C.N. do & Ferreira, H., 2007. *Estudo da flora, caracterização da vegetação e etnobotânica no Município de Rosário Oeste, Mato Grosso*. Subsídios para conservação dos recursos vegetais em Cerrado. Cuiabá. UFMT/CNPq. Relatório final apresentado ao CNPq.
- IBGE, 2000. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico ano 2000*. Brasília: IBGE.
- Kumar, B.M. & Nair, P.K.R., 2004. “The enigma of Tropical homegardens”. *Agroforestry Systems*, **61**: 135-152.
- Martin, G.J., 1995. *Etnobotany: A methods manual*. World Wide Found for Nature. Cambridge.
- Morais, R.G., 2003. *Plantas medicinais e representações sobre saúde e doenças na Comunidade de Angical (Rosário Oeste, MT)*. 153f. 2003 (Dissertação de Mestrado em Saúde e Ambiente)– Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: UFMT.
- Morán, E.F., 1994. *Adaptabilidade humana: uma introdução à antropologia ecológica*. São Paulo. EDUSP.
- Nair, P.K.R., 1993. *An introduction to Agroforestry*, ICRAF/ Kluwer Academic Publishers.
- Noda, H., 2000. *Na terra como na água: organização e conservação de recursos terrestres e aquáticos em uma comunidade da Amazônia brasileira*. 2000. 182f. Tese de doutorado. PPGCB/IB/UFMT. Cuiabá: UFMT.
- Pasa, M.C., 2004. *Etnobiologia de uma comunidade ribeirinha no alto da bacia do rio Aricá-Açú, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil*. 2004. 174f. Tese (Doutorado em Ciências) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos.

- Polhill, R.M. & P.H. Raven, 1981. *Advances in Legume Systematics*. Kew, Kew Royal Botanical Gardens.
- Santos, S., 2004. *Um estudo etnoecológico dos quintais de Alta Floresta-MT. Dissertação* (Mestrado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade). 2004. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. MT. Cuiabá: UFMT.
- Silva, O.S., 2002. *A dimensão ambiental e educativa nas comunidades ribeirinhas de Figueira e Pai Caetano, município de Rosário Oeste, MT*. 2002. UFMT/IE. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: UFMT.
- Thiollent, M., 1996. *Metodologia da Pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 5ª edição. 108p.
- Xavier, F.F., 2005. *Conhecimento tradicional e recursos vegetais: um estudo etnoecológico em N.S. da Guia, Cuiabá, MT*. 2005. 89f. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade) Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: UFMT.

Recibido: 9 junio 2008. Aceptado: 20 noviembre 2009.

Tabela 1. Composição Florística dos Quintais Rosarienses.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Categoria de uso	Origem
Abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae	Arv	ME/AL	Exótica
Abacaxi	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Bromeliaceae	Heb	AL	Exótica
Abóbora	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Cucurbitaceae	Heb	AL	Exótica
Açafrão	<i>Curcuma longa</i> L.	Zingiberaceae	Herb	AL	Exótica
Acerola	<i>Malpighia glabra</i> L.	Malpighiaceae	Arb	AL/ME	Exótica
Aguacú, Babaçu	<i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng.	Arecaceae	Arv	AL	Nativa
Alamanda, Papoula	<i>Allamanda</i> sp.	Apocynaceae	Trep	OR	Exótica
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	Heb	ME	Exótica
Alface	<i>Lactuca sativa</i> L.	Asteraceae	Heb	AL	Exótica
Alfavaca	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Lamiaceae	Heb	ME	Nativa
Alfazema, melissa	<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	Lamiaceae	Heb	ME	Exótica
Algodão	<i>Cochlospermum regium</i> (Schrank) Pilg.	Cochlospermaceae	Arb	ME	Nativa
Alho-de-folha	<i>Allium</i> sp.	Liliaceae	Heb	AL	Exótica
Almeirão	<i>Chicorium endivia</i> L.	Asteraceae	Heb	AL	Exótica
Amarra-pinto	<i>Boerhavia hirsuta</i> Willd.	Nyctaginaceae	Heb	ME	Nativa
Amburana	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	Leguminosae	Av	ME	Nativa
		Papilionoideae			
Ameixa, Jambolão	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Myrtaceae	Arv	ME/AL	Exótica
Amendoim	<i>Arachis hypogaea</i> L.	Leguminosae	Heb	AL	Exótica
		Papilionoideae			
Amora	<i>Morus nigra</i> L.	Moraceae	Arv	AL	Exótica
Anador	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Acanthaceae	Heb	ME	Exótica
Antúrio	<i>Anthurium andraeanum</i> Linden	Araceae	Heb	OR	Exótica
Antúrio-perfumado	<i>Anthurium</i> sp.	Araceae	Heb	OR	Exótica
Araçá	<i>Psidium araca</i> Raddi	Myrtaceae	Arv	AL	Nativa

Tabela 1. Continuação.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Categoria de uso	Origem
Araruta	<i>Maranta arundinacea</i> L.	Marantaceae	Heb	AL	Exótica
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Anarcadiaceae	Arv	ME	Nativa
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	Arb	ME/MR	Exótica
Artemísia	<i>Artemisia annua</i> L.	Asteraceae	Heb	ME	Exótica
Aspirina, Hortelada-folha-gorda	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Lamiaceae	Heb	ME	Exótica
Assa-peixe	<i>Vernonia ferruginea</i> Less.	Asteraceae	Heb	ME	Nativa
Ata	<i>Annona squamosa</i> L.	Annonaceae	Arv	AL	Nativa
Atrativo	<i>Angelonia angustifolia</i> Benth.	Scrophulariaceae	Herb	MR/OR	Exótica
Avelós, Chifrudinho	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Euphorbiaceae	Arb	ME/OR	Exótica
Avenca	<i>Adiantum</i> sp.	Polypodiaceae (Pteridophyta)	Epf	ME	Exótica
Babosa	<i>Aloe vera</i> L.	Liliaceae	Heb	BE/ME	Exótica
Bactrim	<i>Cissus</i> aff. <i>duarteana</i> Cambess.	Vitaceae	Trep	ME	Exótica
Bambu	<i>Bambusa vulgaris</i> L.	Poaceae	Heb	OR	Exótica
Bananeira	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Musaceae	Arb	AL	Exótica
Bandeira-amarela	<i>Canna x generalis</i> L.H. Bailey	Cannaceae	Heb	OR	Exótica
Batata-doce	<i>Ipomoea batatas</i> L. Lam.	Convolvulaceae	Heb	AL	Exótica
Beijo	<i>Impatiens walleriana</i> Hook. f.	Balsaminaceae	Heb	OR	Exótica
Beijo-gêmeas	<i>Impatiens hawkeri</i> Bull.	Balsaminaceae	Heb	OR	Exótica
Boa-noite, Maria-sem-vergonha	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Apocynaceae	Heb	OR	Exótica
Bocaiúva	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Arecaceae	Arv	AL/ME	Nativa
Boldo	<i>Coleus barbatus</i> (Andrews) Benth.	Lamiaceae	Heb	ME	Exótica

Tabela 1. Continuação.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Categoria de uso	Origem
Boldo-chinês	<i>Plectranthus ornatus</i> Codd.	Lamiaceae	Heb	ME	Exótica
Brilhantina	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Urticaceae	Herb	OR	Exótica
Brinco-de-Moça	<i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Sw.	Leguminosae	Arv	OR	Exótica
Bucha	<i>Luffa cylindrica</i> M. Roem.	Caesalpinioideae	Trep	OU	Exótica
Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.	Cucurbitaceae	Arv	AL	Nativa
Cabaça	<i>Crescentia cujete</i> L.	Arecaceae	Arv	OU	Nativa
Cabecinha-de-nego	<i>Muehlenbechia complexa</i> (A. Cunn.) Meisn.	Bignoniaceae	Heb	OR	Exótica
Cacau	<i>Theobroma cacao</i> L.	Polygonaceae	Arv	AL	Nativa
Cacto	<i>Cereus</i> sp.	Sterculiaceae	Arv	AL	Nativa
Café	<i>Coffea arabica</i> L.	Cactaceae	Cacto	OR	Exótica
Café-jasmim	<i>Ervatamia coronaria</i> (Jacq.) Stapf	Rubiaceae	Arb	AL	Exótica
Cajá-manga	<i>Spondia mombin</i> L.	Apocynaceae	Arb	OR	Exótica
Cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anarcadiaceae	Arv	AL	Nativa
Cambará	<i>Vochysia divergens</i> Pohl	Anarcadiaceae	Arv	AL	Nativa
Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Vochysiaceae	Arv	OR	Nativa
Cana	<i>Saccarum officinale</i> L.	Asteraceae	Heb	ME	Exótica
Cancerosa, leiterinha	<i>Synadenium grantii</i> Hook. f.	Poaceae	Arb	AL	Exótica
Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume.	Euphorbiaceae	Arb	ME	Exótica
Canferana,	<i>Vernonia condensata</i> Baker		Arv	AL	Exótica
Estomalina, Figatil		Asteraceae	Arv	ME	Exótica
Caninha-do-brejo	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Zingiberaceae	Herb	ME	Nativa
Capim-cidreira	<i>Cymbopogum citratus</i> L.	Poaceae	Herb	ME/AL	Exótica

Tabela 1. Continuação.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Categoria de uso	Origem
Cica	<i>Cycas</i> sp.	Cycadaceae (Gymnospermae)	Arv	OR	Exótica
Cipó- quina	<i>Cissampelos aff. ovalifolia</i> A. DC.	Menispermaceae	Arb	ME	Nativa
Coco-da-Bahia	<i>Cocos nucifera</i> L.	Arecaceae	Arv	AL/ME	Exótica
Coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Apiaceae	Heb	AL	Exótica
Coentro-folha-larga, Coentro-da-índia	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Apiaceae	Heb	AL	Exótica
Colônia	<i>Alpinia speciosa</i> Schum	Zingiberaceae	Arb	ME	Exótica
Comigo-ninguém-pode	<i>Dieffenbachia picta</i> Schott.	Araceae	Heb	MR/OR	Exótica
Confrei	<i>Symphytum officinale</i> L.	Boraginaceae	Heb	ME	Nativa
Cordão-de- São-Francisco	<i>Leonotis nepetaefolia</i> R. Brown	Lamiaceae	Heb	ME	Nativa
Costela-de-Adão	<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	Araceae	Heb	OR	Exótica
Couve	<i>Brassica oleracea</i> L.	Brassicaceae	Heb	AL	Exótica
Cravo	<i>Tagetes erecta</i> L.	Asteraceae	Heb	OR	Exótica
Cravo (laranja)	<i>Bidens sulphurea</i> (Cav.) Sch. Bip.	Asteraceae	Heb	OR	Exótica
Cravo (rosa)	<i>Bidens bipinnata</i> L.	Asteraceae	Heb	OR	Exótica
Crista-de-galo	<i>Celosia cristata</i> L.	Amaranthaceae	Heb	OR	Nativa
Cumbaru	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Leguminosae	Arv	AL/OR	Nativa
Cupuaçu	<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.)	Caesalpinioideae	Arb	AL	Nativa
Dália	<i>Dhalia pinnata</i> Cav.	Asteraceae	Heb	OR	Exótica
Dama-da-noite	<i>Dracena</i> sp.	Liliaceae	Arv	OR	Exótica

Tabela 1. Continuação.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Categoria de uso	Origem
Dinheiro-em-penca	<i>Callisia repens</i> (Jacq.) L.	Commelinaceae	Heb	OR/ME	Exótica
Dipirona	<i>Alternanthera</i> sp.	Amaranthaceae	Heb	ME	Exótica
Elixir	<i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav.	Piperaceae	Heb	ME	Exótica
Embaúba	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Cecropiaceae	Arv	ME	Nativa
Erva-cidreira	<i>Lipia alba</i> (Mill) N.E. Brown	Verbenaceae	Herb	ME	Exótica
Erva-de-bicho	<i>Polygonum acre</i> Lam.	Polygonaceae	Heb	ME	Nativa
Erva-de-Sta-Maria, Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	Heb	ME	Exótica
Erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Apiaceae	Heb	ME/AL	Exótica
Espada-Cosme-Damião	<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort	Liliaceae	Heb	MR	Exótica
Espada-São-Jorge	<i>Sansevieria cylindrica</i> Hort	Liliaceae	Heb	MR/ME	Exótica
Espatódea	<i>Spathodea campanulata</i> P. Beauv.	Bignoniaceae	Arv	OR	Exótica
Espinheira-Santa	<i>Maytenus ilicifolia</i> (Schrad.) Planch.	Celastraceae	Arv	ME	Nativa
Fedegoso	<i>Cassia occidentalis</i> L.	Leguminosae Caesalpinioideae	Heb	ME	Nativa
Feijão-andu, doce	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	Leguminosae Caesalpinioideae	Arb	AL/ME	Exótica
Feijão-catador	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Leguminosae Caesalpinioideae	Trep	AL	Exótica
Feijão-de-metro	<i>Vigna unguiculata</i> L. Walp.	Leguminosae Caesalpinioideae	Trep	AL	Exótica
Feijão-orelha-de-padre, Feijão-pastel	<i>Phaseolus</i> sp.	Leguminosae Caesalpinioideae	Trep	AL	Exótica
Figo	<i>Ficus carica</i> L.	Moraceae	Arb	AL	Exótica

Tabela 1. Continuação.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Categoria de uso	Origem
Figueirinha	<i>Ficus</i> sp.	Moraceae	Arv	OU	Exótica
Fita-do-Senhor-Divino, Coroa-de-natal	<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd. ex Klotzsch	Euphorbiaceae	Arb	OR	Exótica
Folhagem	<i>Acalypha godseffiana</i> Mast.	Euphorbiaceae	Arb	OR	Exótica
Folhagem (coração)	<i>Philodendron</i> sp.	Araceae	Trep	OR	Exótica
Folhagem (trepadeira)	<i>Syngonium podophyllum</i> Schott	Araceae	Trep	OR	Nativa
Folhagem colorida	<i>Caladium X hortulanum</i> Birdsey	Araceae	Trep	OR	Exótica
Fortuna	<i>Bryophyllum calycinum</i> Salisb	Crassulaceae	Heb	ME	Exótica
Fruta-banana	<i>Ecclinusa ramiflora</i> Mart.	Sapotaceae	Arv	AL	Nativa
Fruta-pão	<i>Artocarpus altilis</i> (Parkins)	Moraceae	Arv	AL	Exótica
Fumo	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Solanaceae	Herb	OU	Nativa
Gengibre	<i>Zingiber officinalis</i> Rosc.	Zingiberaceae	Herb	ME	Exótica
Gergelim	<i>Sesamum indicum</i> DC	Pedaliaceae	Heb	AL	Exótica
Gervão	<i>Stachytarpheta augustifolia</i> Lopez-Palacios	Verbenaceae	Herb	ME	Nativa
Girassol	<i>Helianthus annuus</i> L.	Asteraceae	Heb	OR	Exótica
Goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	Arv	AL/ME	Nativa
Graviola	<i>Arica muricata</i> L.	Annonaceae	Arv	AL	Exótica
Guaco	<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Asteraceae	Trep	ME	Nativa
Gueraba	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Arecaceae	Arv	AL	Nativa
Guiné	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolaccaceae	Heb	ME	Nativa
Hortelãzinha	<i>Mentha villosa</i> Huds.	Lamiaceae	Heb	AL	Exótica
Hortência	<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.	Hydrangeaceae	Heb	OR	Exótica

Tabela 1. Continuação.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Categoria de uso	Origem
Imbé	<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott ex Endl.	Araceae	Trep	OR	Exótica
Imbé-do-mato	<i>Philodendron</i> sp.	Araceae	Heb	ME	Nativa
Ingá	<i>Inga edulis</i> Mart.	Leguminosae Mimosoidae	Arb	AL	Nativa
Ipê	<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Toledo	Bignoniaceae	Arv	OR/ME	Nativa
Ixora	<i>Ixora</i> sp.	Rubiaceae	Arb	OR	Exótica
Jaborandi	<i>Ottonia corcovadensis</i> Miq	Piperaceae	Arb	BE	Nativa
Jaboticaba	<i>Myrciaria cauliflora</i> (DC.) Berg.	Myrtaceae	Arb	AL	Exótica
Jaca	<i>Artocarpus integrifolia</i> L.f.	Moraceae	Arv	AL	Exótica
Jacote	<i>Spondia purpurea</i> L.	Anacardiaceae	Arv	AL	Exótica
Jambo	<i>Eugenia malaccensis</i> Lin.	Myrtaceae	Arv	AL	Exótica
Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae	Arv	AL	Nativa
Jequitibá	<i>Cariniana rubra</i> Gardner ex Miers	Lecythidaceae	Arv	ME	Nativa
Jiló	<i>Solanum jilo</i> Radi.	Solanaceae	Herb	AL	Exótica
Jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Leguminosae Caesalpinioideae	Arv	OR/ME	Nativa
Jurema, rajadinha	<i>Polyscias guilfoylei victorie</i> (W. Bull) L.H. Bailey	Araliaceae	Arb	OR/MR	Exótica
Jurubeba	<i>Solanum</i> aff. <i>lycocarpum</i> A. St.-Hil.	Solanaceae	Arb	ME	Nativa
Lança-São-Jorge, Espada-de-Ogum	<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer.	Liliaceae	Heb	OR	Exótica
Laranja-lima	<i>Citrus limetta</i> Risso	Rutaceae	Arv	AL	Exótica
Laranjeira	<i>Citrus aurantium</i> L.	Rutaceae	Arv	AL/ME	Exótica
Limoeiro	<i>Citrus limonum</i> Osb.	Rutaceae	Arv	AL	Exótica

Tabela 1. Continuação.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Categoria de uso	Origem
Lírio	<i>Zephyranthes rosea</i> Lindl.	Amaryllidaceae	Heb	OR	Exótica
Lírio-branco/frota	<i>Eucharis x grandiflora</i> Planch & Lind.	Amaryllidaceae	Heb	OR	Exótica
Lírio-da-paz	<i>Spathiphyllum</i> sp.	Araceae	Heb	OR	Exótica
Lírio-vermelho	<i>Hippeastrum puniceum</i> (Lam.) Kuntze	Amaryllidaceae	Heb	OR	Exótica
Lixeira	<i>Curatella americana</i> L.	Dilleniaceae	Arv	ME	Nativa
Losna	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Asteraceae	Heb	ME	Exótica
Louro	<i>Cordia glabrata</i> (Mart.) A. DC.	Boraginaceae	Arv	OR	Nativa
Maçã	<i>Malus domestica</i> Borkhausen.	Rosaceae	Arb	AL	Exótica
Malva-branca	<i>Waltheria indica</i> L.	Sterculiaceae	Herb	ME	Nativa
Mamoeiro	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae	Arv	AL	Nativa
Mamona	<i>Ricinus communis</i> L.	Euphorbiaceae	Arb	ME	Nativa
Mandacaru	<i>Cereus</i> sp.	Cactaceae	Cacto	OR	Exótica
Mandioca	<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	Euphorbiaceae	Arb	AL	Exótica
Mangueira	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	Arv	AL	Exótica
Manjerição	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	Heb	AL	Exótica
Manjerona	<i>Origanum majorana</i> L.	Lamiaceae	Heb	ME	Exótica
Mão-de-gato	<i>Schefflera arboricola</i> Hayata	Araliaceae	Arb	OR	Exótica
Mão-de-sapo	<i>Jatropha podagrica</i> Hook.	Euphorbiaceae	Arb	OR	Exótica
Maquiné	<i>Zamia boliviana</i> (Brongn.) A. DC.	Cycadaceae (Gymnospermae)	Arb	ME	Nativa
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Passifloraceae	Trep	AL	Exótica
Maracujina	<i>Passiflora</i> sp.	Passifloraceae	Trep	AL	Exótica
Maravilha	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Nyctaginaceae	Heb	OR	Exótica
Mata-pasto	<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	Leguminosae Caesalpinioideae	Heb	ME	Nativa

Tabela 1. Continuação.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Categoria de uso	Origem
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i> L.	Cucurbitaceae	Heb	AL	Exótica
Melancia	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	Cucurbitaceae	Heb	AL	Exótica
Melão-de-São-Caetano	<i>Mormodica charantia</i> L.	Cucurbitaceae	Heb	ME	Exótica
Melissa	<i>Melissa officinalis</i> L.	Lamiaceae	Heb	ME	Exótica
Mexirica	<i>Citrus deliciosa</i> L.	Rutaceae	Arv	AL	Exótica
Milho	<i>Zea mays</i> L.	Poaceae	Arb	AL	Exótica
Mussaenda	<i>Mussaendra</i> sp.	Rubiaceae	Arb	OR	Exótica
Não-me-toques	<i>Euphorbia milli</i> Des Moul.	Euphorbiaceae	Heb	OR	Exótica
Negramina	<i>Siparuna guianensis</i> Aublet	Siparunaceae	Arb	ME	Nativa
Nim	<i>Azadirachta indica</i> A. Juss	Meliaceae	Arv	ME	Exótica
Nirá	<i>Allium tuberosum</i> Rottl. Ex Spreng.	Liliaceae	Heb	ME/AL	Exótica
Nove-horas	<i>Portulaca oleracea</i> L.	Portulacaceae	Herb	OR	Exótica
Orelha-de-lebre	<i>Stachys byzantina</i> C. Koch.	Lamiaceae	Heb	ME	Exótica
Orquídea	<i>Oncidium cebolleta</i> Sw.	Orchidaceae	Epf	OR	Nativa
Orquídea	<i>Encyclia</i> aff. <i>flava</i> (Lindl.) Porto & Brade	Orchidaceae	Epf	OR	Nativa
Orquídea	<i>Encyclia</i> sp.	Orchidaceae	Epf	OR	Nativa
Orquídea-roxa	<i>Cathleya nobilior</i> Rehb.	Orchidaceae	Epf	OR	Nativa
Paineira	<i>Chorisia speciosa</i> A. St.-Hil.	Bombacaceae	Arv	OU	Nativa
Palheteira	<i>Clitoria racemosa</i> Benth.	Leguminosae Caesalpinioideae	Av	OR	Exótica
Palma	<i>Nopalea cochenillifera</i> (L.) Salm-Dyck	Cactaceae	Cacto	OR	Exótica
Papoula	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Malvaceae	Arb	OR	Exótica
Pariparoba	<i>Pothomorphe umbellata</i> (L.) Miq.	Piperaceae	Heb	AL/ME	Nativa

Tabela 1. Continuação.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Categoria de uso	Origem
Pata-de-vaca	<i>Bauhinia</i> sp.	Leguminosae Caesalpinioideae	Heb	ME	Nativa
Pepino	<i>Cucumis sativus</i> L.	Cucurbitaceae	Heb	AL	Exótica
Pequi	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	Caryocaraceae	Arv	AL/ME	Nativa
Periquiteira	<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	Ulmaceae	Arv	OR	Exótica
Picão-branco	<i>Bidens pilosa</i> L.	Asteraceae	Heb	ME	Nativa
Picão-roxo, Mentrasto	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Asteraceae	Heb	ME	Nativa
Pimenta- chumbinho, poça, bode	<i>Capsicum baccatum</i> L.	Solanaceae	Herb	AL	Exótica
Pimenta-de-cheiro	<i>Capsicum odoratum</i> Steud.	Solanaceae	Herb	AL	Exótica
Pimenta-do-reino	<i>Piper nigrum</i> L.	Piperaceae	Heb	AL	Exótica
Pimenta-malagueta	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Solanaceae	Herb	AL	Exótica
Pimentão, Pimenta- roxa	<i>Capsicum annuum</i> L.	Solanaceae	Herb	AL	Exótica
Pingo-de-ouro	<i>Duranta repens</i> L.	Verbenaceae	Herb	OR	Exótica
Pinhão-branco	<i>Jatropha curcas</i> L.	Euphorbiaceae	Arb	ME	Nativa
Pinhão-roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Euphorbiaceae	Arb	ME/OR	Nativa
Pinheiro	<i>Pinus elliottii</i> Engelm.	Pinaceae (Gymnospermae)	Arv	OR	Exótica
Pita	<i>Agave americana</i> L.	Amaryllidaceae	Heb	MR	Exótica
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	Arb	AL	Exótica
Pitombeira	<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk	Sapindaceae	Arv	AL	Nativa
Poejo	<i>Mentha pulegium</i> L.	Lamiaceae	Heb	ME	Exótica
Poncã	<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae	Arv	AL	Exótica

Tabela 1. Continuação.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Categoria de uso	Origem
Purga-de-lagarto	<i>Jatropha elliptica</i> (Pohl) Oken	Euphorbiaceae	Arb	ME	Nativa
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Euphorbiaceae	Herb	ME	Nativa
Quiabo	<i>Hibiscus esculentus</i> L.	Malvaceae	Arb	AL	Exótica
Quina-do-mato	<i>Strichnos pseudochina</i> A. St. Hil.	Loganiaceae	Arv	ME	Nativa
Rabanete	<i>Raphanus sativus</i> L.	Brassicaceae	Heb	AL	Exótica
Rabo-de-caxinganga	<i>Phlebodium decumanum</i> (Willd.) J. Sm.	Polypodiaceae (Pteridophyta)	Arb	OR	Exótica
Rabo-de-galo	<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) A. Juss.	Euphorbiaceae	Arb	OR	Exótica
Repolho	<i>Brassica capitata</i> L.(H.) Lév.	Brassicaceae	Heb	AL	Exótica
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	Punicaceae	Arb	AL/ME	Exótica
Rosa	<i>Rosa</i> sp.	Rosaceae	Arb	OR	Exótica
Rúcula	<i>Eruca sativa</i> Mill.	Brassicaceae	Heb	AL	Exótica
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> L.	Caprifoliaceae	Arb	ME	Exótica
Saia-de-velho	<i>Clerodendron philippinum</i> Schauer	Verbenaceae	Herb	OR	Exótica
Saião	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Crassulaceae	Heb	ME	Exótica
Samambaia-crespa	<i>Nephrolepis exaltata</i> (L.) Schott	Nephrolepidaceae (Pteridofita)	Epf	OR	Exótica
Salsinha	<i>Petroselinum sativum</i> subsp. <i>Sativum</i> L.	Apiaceae	Heb	AL	Exótica
Samambaia	<i>Nephrolepis</i> sp.	Polypodiaceae (Pteridophyta)	Epf	OR	Exótica
Samambaia-de-renda	<i>Davallia fejeensis</i> Hook	Polypodiaceae (Pteridophyta)	Epf	OR	Exótica
Samambaia-do-brejo	<i>Polypodium</i> sp.	Polypodiaceae (Pteridophyta)	Epf	OR	Exótica
Samambaia-rabogato	<i>Nephrolepis pectinata</i> (Willd.) Schott.	Polypodiaceae (Pteridophyta)	Epf	OR	Exótica

Tabela 1. Continuação.

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Categoria de uso	Origem
Samambaia-roxinha	<i>Tradescantia zebrina</i> Heynh.	Commelinaceae	Trep	OR	Exótica
Sangra-d-’água	<i>Croton urucurana</i> Baill.	Euphorbiaceae	Arb	ME	Nativa
Sapatinho-de-anjo	<i>Caladium humboldtii</i> Schott	Araceae	Heb	OR	Exótica
Sem-nome	<i>Bryophyllum daigremontianum</i> (Raym.-Hamet & H.Perrier) A.Berger	Crassulaceae	Heb	OR	Exótica
Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i> L.	Leguminosae Caesalpinioideae	Arv	AL/ME	Exótica
Tangerina	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Rutaceae	Arv	AL	Exótica
Tansagem	<i>Plantago major</i> L.	Plantaginaceae	Heb	ME	Exótica
Tansagem-falsa	<i>Arrabidaea chica</i> (Humb. & Bonpl.) B. Verl.	Bignoniaceae	Arb	ME	Exótica
Tarumã	<i>Vitex cymosa</i> Bertero ex Spreng.	Verbenaceae	Arv	OR	Exótica
Teca	<i>Tectona grandis</i> L.f.	Verbenaceae	Arb	OR/OU	Exótica
Terramicina	<i>Alternanthera dentata</i> (Moench) Stuchlik ex R.E. Fr.	Amaranthaceae	Heb	ME	Nativa
Tomate	<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	Solanaceae	Herb	AL	Exótica
Urucum	<i>Bixa orellana</i> L.	Bixaceae	Arv	OU/ME	Nativa
Uva	<i>Vitis vinifera</i> L.	Vitaceae	Trep	AL	Exótica
Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Scrophulariaceae	Herb	ME	Exótica
Vick	<i>Mentha arvensis</i> L.	Lamiaceae	Heb	ME	Exótica

AL = alimentar; ME = medicinal; OR = ornamental; MR = místico/religioso, BE = beleza pessoal, OU = outros usos; Arv = árvore; Heb = herbácea; Arb = Arbusto; Epf = Epífitas; Trep = Trepadeira).